
OS SENTIDOS DA EJA NOS PERCURSOS BIOGRÁFICOS DOS JOVENS

Mariane Brito da Costa^(*)

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa procurou investigar os percursos biográficos dos jovens a partir das experiências vivenciadas por eles em diferentes situações da vida, seja em seu espaço escolar ou fora dele. Considero que o conhecimento sobre os contextos não escolares, o cotidiano e a história da inserção dos jovens em processos sociais e educativos mais amplos que a escola pode contribuir para apreensão do real significado desse lugar para os jovens (SPOSITO, 2007).

O campo de estudo se desenvolveu no segundo segmento do ensino fundamental, em uma escola pública estadual no município de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, estado do Rio de Janeiro. Foram realizadas entrevistas com oito jovens da EJA que residem em sub-bairros dessa região e que se encontram na faixa etária de 15 a 29 anos.

Para consecução desse estudo, foram tomadas como objeto de investigação as experiências individuais que obrigam esses jovens a abandonar a escola e, posteriormente, a retomar o processo de escolarização, de maneira a situá-los em um contexto tempo-espacial, o que inclui desvendar as relações sociais dos jovens com outras instâncias de socialização para além da escola.

Na tentativa de desvendar esse momento pendular de saída/entrada da escola desses jovens, parti da hipótese que suas decisões não estavam relacionadas apenas a aspectos socioeconômicos ou à inserção no mercado de trabalho. Haveria variáveis mais subjetivas em jogo? Quais seriam as motivações subjacentes que levariam os jovens a abandonar e a retomar os estudos em algum momento particular de suas vidas? Como os diferentes contextos de socialização (escola, trabalho, família, bairro, igreja, entre outros) se constituem na história de vida dos jovens? Foi a partir dessas questões que busquei compreender os significados que os jovens atribuem ao seu processo de escolarização.

O termo Educação de Jovens e Adultos configurou-se a partir de meados da década de 1980, em virtude do aumento dos jovens nessa modalidade de ensino, fato que passou a ser identificado como *juvenilização* da EJA. Segundo o artigo 37 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), a EJA representa uma modalidade de ensino da educação básica que

^(*) Professora de Educação Física das redes municipal e estadual de educação da cidade do Rio de Janeiro. Mestre em Educação da Universidade Federal Fluminense. E-mail: mariane-costa@ig.com.br.

visa a atender àqueles que não tiveram oportunidade de estudar na chamada “idade própria”, posto que o direito à educação, tanto em relação ao acesso à escola quanto às condições de dar continuidade aos estudos no ensino fundamental e médio ainda não é assegurado a todos os sujeitos.

A passagem da juventude para a vida adulta não se tem realizado da mesma maneira nos percursos de todos os jovens, já que finalizar os estudos em tempo hábil e se inserir no trabalho após a conclusão da escolaridade não são características de todos na sociedade: “Isto significa dizer, por exemplo, que para os jovens das classes populares as responsabilidades da vida adulta chegam enquanto estes estão experimentando a juventude” (CARRANO, 2007, p. 59).

Atualmente, porém, esse marco não constitui uma referência para concretizar a transição da juventude para a vida adulta dos jovens das camadas populares. A trajetória escolar se dá concomitantemente à entrada no mercado de trabalho. Em alguns casos, o trabalho compromete a escolarização e impossibilita a completude do período caracterizado próprio para a vida escolar.

Como crítica ao conceito de transição linear, Pais (2001) nos fornece elementos significativos para análise: um olhar para os diferentes modos como os jovens vivenciam a escola, o trabalho, a família, os quais são a base da construção da biografia dos indivíduos ao longo de sua trajetória. Essa perspectiva ultrapassa uma visão que encadeia uma vida contínua, homogênea e objetiva, para um olhar pós-linear que envolve uma pluralidade de trajetórias que podem ser percorridas pelos jovens em seus descontínuos momentos da vida.

Para atingir o estado de independência na futura vida adulta, muitos têm sido os suportes utilizados pelos jovens para alcançar seu intento pessoal e profissional. Eles utilizam, no decorrer de seus percursos biográficos, diversas formas para expressar como têm superado obstáculos socialmente construídos.

É nesse sentido que o peruano Danilo Martuccelli (2004a, p. 65) nos propõe o desafio contemporâneo de realizar uma análise baseada na sociologia da individualização, integrando os posicionamentos sociais e a singularidade que existe em cada biografia.

A partir de tal perspectiva, Martuccelli (2004, p. 21) apresenta o conceito de *suportes existenciais*. A noção de suporte refere-se às formas pelas quais os indivíduos encontram para se construir face ao mundo. No entanto, “esta questão universal toma uma nova forma na modernidade, na medida em que os laços sociais substituem os laços comunitários e que, cada vez mais, o indivíduo vai se encontrar face a face com ele mesmo”.

É pertinente assinalar que os jovens se encontram em um *campo de possibilidades*, por este representar um lugar que move as escolhas, que configura seus projetos que levam às trajetórias

sociais. Segundo Velho (2003, p. 28), “trata-se do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura”.

Nessa perspectiva, o conceito de *campo de possibilidades* utilizado por Velho (2003) refere-se a um contexto sociocultural, um lugar de construção e execução dos projetos. Para esse autor, a noção de projeto está relacionada a uma conduta organizada para atingir objetivos específicos, na qual os jovens constroem e desenvolvem projetos individuais que se realizam de forma diferente em cada situação da vida, por meio de valores individuais.

Outro conceito que contribuiu para compreender as narrativas dos jovens da EJA é o de “experiência” empregado por Walter Benjamin (1994b) e Jorge Larrosa (2004), que pode ser definida como a possibilidade de trocar saberes, os quais sempre vêm acompanhados de ensinamentos morais e éticos, conselhos etc. que os jovens carregam para toda a vida.

Benjamin (1994b, p. 114), em seu célebre texto “Experiência e pobreza”, traz-nos a ideia de que a experiência do ser humano estaria sendo subtraída, embora tal experiência represente “matéria de tradição tanto na vida privada quanto na coletiva”, tradição na qual estão inseridas experiências em uma temporalidade compartilhada por várias gerações no decorrer do processo histórico.

A causa de estarmos pobres em experiência está relacionada ao excesso de informação, que torna a experiência impossível, posto que não possibilita o tempo necessário para que as coisas passem, aconteçam. Para Benjamin (1994a), a apreciação exacerbada pela informação dificulta que o conhecimento seja experimentado, vivenciado.

Na primeira etapa investigativa da pesquisa, foram aplicados 59 questionários, que corresponde ao número de jovens presentes nos momentos da aplicação realizados em duas semanas consecutivas. Esse procedimento inventariou perfis a partir de algumas características, como: idade, sexo, gênero, estado civil, experiências de trabalho, trajetória escolar, trajetória familiar e local de moradia.

As informações possibilitaram reconhecer analiticamente quem são esses indivíduos que estudam nessa modalidade de ensino e selecionar alguns jovens para participar das entrevistas. Não foi intenção analisar a biografia de todos os jovens que estão na EJA, mas sim os mais significativos, considerando os objetivos da pesquisa.

A realização das entrevistas seguiu os critérios extraídos dos perfis dos jovens da EJA, com a intenção de selecionar os sujeitos que apresentavam motivos de abandono escolar relacionados a

situações subjetivas ocorridas em seus percursos biográficos, que não estivessem prioritariamente vinculados à inserção no mercado de trabalho.

Do ponto de vista metodológico, foi utilizada a abordagem biográfica, que me proporcionou a apreensão das experiências adquiridas pelos jovens em seus percursos biográficos, assim como a revelação de sucessivos acontecimentos, situações, projetos e ações. É importante destacar que, no Brasil, os estudos biográficos no campo sociológico são recentes, em especial, por tomarem “o indivíduo ou o grupo em questão (que narra a sua história) como central no dispositivo da pesquisa” (TAKEUTI; NIEWIADOMSKI, 2009, p. 140).

A apropriação metodológica do relato de vida me possibilitou uma aproximação da realidade vivida pelos jovens e das situações que os impulsionaram a tomar determinadas decisões, mostrando-me a sua maneira de enfrentar os percalços cotidianos. Segundo Pais (2001, p. 87), os seus “relatos nos permitem a reconstrução dos conteúdos da vida, ao considerarem-na, do presente, revisitando-a, filtrando-a por diversas categorias, desenvolvendo uma lógica narrativa que procura dotar de sentido o que se conta”.

As questões abordadas nas entrevistas provocaram relatos que nos possibilitou interpretar as suas biografias e, em especial, aquilo que se refere às trajetórias escolares, levando-nos a compreender como os contextos não escolares contribuíram para que o retorno à escola se efetivasse, mostrando-nos o real significado da escola em seu processo de formação.

A seguir, apresento breves descrições de três jovens da EJA cujas narrativas serviram como principal fonte de informação para revelar os mecanismos de entrada/saída na/da escola, como também o significado da escolarização para esses sujeitos.

UM OLHAR PARA AS NARRATIVAS DOS JOVENS DA EJA¹

Aline: começando de novo

Aline² é uma jovem de 17 anos que mora com os pais no bairro São Francisco de Paula. Sua família morava no município de Duque de Caxias; porém, por motivo de trabalho, seus pais se mudaram para Nova Iguaçu. Ela tem um irmão mais velho, já casado, que não mora com a família. Seus pais têm ensino médio completo. Seu pai trabalha como motorista de ônibus no município em

¹ Depoimentos de jovens participantes da pesquisa de Dissertação de Mestrado desenvolvida por Mariane Brito no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense.

² Com o intuito de preservar a identidade dos jovens entrevistados, foram atribuídos a eles, nesta pesquisa, nomes fictícios.

que eles residem e sua mãe atua no mesmo setor empregatício, mas na função de cobradora em outra empresa.

Quando estudava no ensino regular, Aline, que se dedicava aos estudos, sempre tirava boas notas. Entretanto, em decorrência de problemas de saúde, essa trajetória escolar foi interrompida.

Aline sempre considerou a escola importante em sua vida, pela possibilidade de adquirir conhecimentos, laços de amizade e oportunidade de aprender com os colegas. Na narrativa de Aline, percebe-se como a escola desempenha papel fundamental nas histórias de vida do jovem, histórias que se cruzam formando uma rede de ajuda mútua que certamente o ajudará a compreender o que se passa em seu cotidiano, fazendo com que ele enxergue suas dificuldades com o olhar do outro:

A escola é um lugar pra mim buscar conhecimento, fazer novas amizades; é de conversar com outras pessoas, de conhecer um pouco e aprender com a história de cada um. A escola significa tudo, porque, sem estudo, a gente não consegue chegar a lugar nenhum³.

Em seu percurso rumo à concretização de seus projetos, Aline frequenta uma academia de dança, onde aprende a dançar balé, já estando em nível avançado, além de treinar diariamente em sua casa. O prazer em dançar balé vem desde os quatro anos idade, quando iniciou o curso. Essa formação lhe possibilitou experiência para além de um puro *hobby*, encaminhando Aline para uma profissão.

Em decorrência das pressões que sofria em relação ao seu peso – o balé, principalmente, era uma das fontes de pressão, pois ela tinha de se manter esguia para as apresentações organizadas pela academia de dança –, no período em que cursava a sétima série do ensino fundamental regular, Aline passou a sofrer de anorexia⁴, pois o estereótipo de beleza imposto pela sociedade, os meios de comunicação e por amigas está associado à magreza absoluta:

³ De modo a garantir transparência e fidedignidade à fala dos entrevistados, a transcrição das entrevistas respeitou a forma como as palavras foram pronunciadas, bem como o arranjo dado por eles às frases, independentemente das regras ortográfico-gramaticais que regem a Língua Portuguesa.

⁴ Anorexia nervosa é um distúrbio alimentar resultado da preocupação exagerada com o peso corporal, que pode provocar problemas psiquiátricos graves. A pessoa se olha no espelho e, embora extremamente magra, se vê obesa. Com medo de engordar, exagera na atividade física, jejua, vomita, toma laxantes e diuréticos. É um transtorno que se manifesta principalmente em mulheres jovens, embora sua incidência esteja aumentando também em homens. Às vezes, os pacientes anoréticos chegam rapidamente à caquexia, um grau extremo da desnutrição e o índice de mortalidade chega a atingir 15% a 20% dos casos. Disponível em: <<http://www.drauziovarella.com.br/Sintomas/308/anorexia-nervosa>>. Acesso em: 21 jan. 2011.

Quando eu cursava a sétima série, tive anorexia. Eu não sabia que esta doença era tão grave. E por ficar muito doente, tive que me afastar por um tempo da escola. [...] Eu faltava muito, não tinha condições de continuar frequentando as aulas.

Devido às consequências desse transtorno alimentar, Aline teve de interromper os estudos. Tal decisão envolve um conjunto de questões subjetivas, que estão além da necessidade de trabalhar, desinteresse pela escola ou falta de perspectiva de futuro. Está relacionada a demandas específicas, como um problema de saúde, que muitas jovens em fase de construção de identidade estão propícias a enfrentar, por considerarem a visão do outro de grande valia para sua autoimagem.

Após o episódio da anorexia, Aline apresentou uma crise de bulimia: “Depois de um tempo, quando eu achava que estava bem, eu descobri que estava com bulimia”. Em consequência dessa situação, manteve, por um período aproximadamente de dois anos, o tratamento com a psicóloga, até se recuperar totalmente.

Aline retornou posteriormente à escola, pela EJA, no turno da noite, onde se encontra atualmente matriculada no oitavo ano do ensino fundamental (antiga sétima série). Quando foi morar no município de Nova Iguaçu, após o seu tratamento, decidiu retornar aos estudos na escola estadual, por ser a mais próxima de sua residência.

No entanto, no início das aulas, Aline nos conta que teve necessidade de se adaptar à escola, pois os conteúdos que ela estava estudando já haviam sido aprendidos na escola privada. Isso fazia com que ela estivesse sempre mais adiantada que os colegas da turma. Não encontrou, porém, problema para se relacionar com a turma, apesar de os alunos apresentarem idades distintas.

Para Aline, não há obstáculos que possam impedi-la de realizar seus projetos. Sua meta é cursar uma faculdade de dança, com o propósito de ingressar em uma companhia de dança. Para Aline, a educação é vista como um meio para alcançar seus objetivos.

Renata: a vida além da visão

Esta narrativa refere-se às experiências da jovem Renata, de 18 anos, parda, solteira, que está cursando, na modalidade EJA, o nono ano (antiga oitava série) do ensino fundamental. Ela mora com seus pais e sua irmã mais nova, de 10 anos de idade, no bairro São Francisco de Paula, em Nova Iguaçu, desde o seu nascimento. Seu pai é o único que sustenta a família. Ele trabalha como eletricitista em uma empresa privada, com carteira assinada. Sua mãe é dona de casa e apresenta a mesma escolaridade de seu marido: ambos cursaram até a quarta série do ensino fundamental.

Segundo ela, seu percurso escolar de aluna de escola pública tornou-se mais difícil apenas quando cursava o sexto ano do ensino fundamental, pois foi reprovada por conta das faltas provocadas por um incidente no final do semestre. É interessante destacar que Renata se recorda de não ter sido, nesse período, aluna dedicada ou motivada a estudar:

Eu não era aluna nota 10, nem uma “nerd”, como aqueles alunos que ficavam do lado do professor, lá na frente da sala “puxando saco”. Eu gostava de ficar nos intervalos das aulas no corredor com as minhas colegas; a gente ficava paquerando os meninos das outras turmas.

Entretanto, a causa do abandono estava além de seu controle ou de sua vontade. Renata narra que, aos 14 anos, como muitas jovens de sua idade, gostava de ficar no portão, conversando com as amigas. Certo dia, seu vizinho, de apenas oito anos naquela época, brincando de jogar pedra para o alto, acertou em um dos olhos de Renata – “na menina dos seus olhos” –, dissera-lhe o médico. O incidente a obrigou a passar por uma cirurgia urgente, para evitar a cegueira.

Este momento foi muito difícil pra mim. Perdi um período de minha vida presa dentro de casa, sem querer sair e nem ir pra escola. Aí, eu fiquei desanimada, né?! Tinha vergonha de sair na rua, de ser vista pelos meus colegas e pelas pessoas que conhecia no bairro; sabia que todo mundo ia ficar me olhando, com pena de mim. [...] Eu achava que não iria mais conseguir namorar de novo. [...] Sei lá, por causa da minha aparência.

Renata parece querer dizer, em sua narrativa, que a sua vida parou no tempo a partir daquela experiência: tudo o que ela fazia antes do incidente não podia mais ser feito. Ela faltou à escola devido às cirurgias realizadas e ao medo de expor a sua imagem. Abandonou também o trabalho e terminou o seu primeiro relacionamento amoroso, com medo de ser rejeitada.

Após certo período, Renata retomou os estudos em um colégio estadual, na EJA. No início, ela se sentiu intimidada em conversar com os outros alunos, autoisolando-se em sala de aula. Entretanto, aos poucos, a dificuldade de se relacionar foi sendo vencida e ela encontrou, na turma, novos colegas e uma relação de companheirismo entre os alunos que estavam nessa modalidade. A solidariedade encontrada na EJA é enaltecida por Renata como forte ajuda na superação de suas dificuldades de relacionamento social.

Posteriormente a esse retorno escolar, Renata se viu obrigada, mais uma vez, a parar de estudar. Sua visão continuava embaçada e ela sentia muita dificuldade de enxergar. Esse problema a levou a retomar o tratamento que realizara após o acidente.

Passados alguns meses de tratamento, Renata voltou a enxergar melhor, sentindo-se mais motivada em dar continuidade aos estudos, retornando, pela segunda vez, à EJA, com mais força para estudar.

Renata mostra que seu retorno escolar está relacionado à projeção que ela faz para o seu futuro e ao desejo intenso de propiciar uma vida melhor para ela e sua família – com a escola constituindo-se no caminho para conseguir mobilidade social. Renata tem como projeto terminar o ensino fundamental, o ensino médio e prestar concurso para o Corpo de Bombeiros.

Estudar na EJA, para Renata, é a opção para recuperar o tempo que se afastou da escola. Como ela reconhece que essa modalidade de ensino não lhe confere uma base sólida de conhecimentos que lhe possibilite aprovação em um concurso, ela cria estratégia: complementar o estudo em cursinhos preparatórios para alcançar os seus objetivos. Seu processo de escolarização na EJA é visto como uma alternativa para alcançar realização pessoal e profissional.

Maria Fênix: renascendo das cinzas

Maria Fênix é uma jovem de 26 anos, parda, que se declara casada. Com voz suave e simples no falar, Maria Fênix começou a narrar sua trajetória, contando-me os motivos que a fizeram abandonar a vida escolar e a ela retornar após 12 anos.

De família humilde, ela morava em um sítio, localizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro, com seus pais e suas cinco irmãs, até aproximadamente os 12 anos de idade.

Ela guarda boas recordações de quando cursava a quarta série. Segundo ela, os professores eram bons e compreendiam as dificuldades de aprendizagem que ela e suas irmãs enfrentavam e a falta de apoio de seus pais. Estes, por sua vez, não possuíam qualquer grau de escolaridade – eram analfabetos.

O abandono escolar foi ocasionado por fatos alheios à sua vontade. Ela narra que seu pai, certo dia, no sítio onde desempenhava a função de caseiro, sofreu um acidente, em consequência do qual veio a falecer, deixando a família em uma situação muito difícil, pois era o único que a sustentava.

Em decorrência de sua morte, a dona do sítio solicitou que sua mãe deixasse a casa juntamente com as filhas, porque a permanência da família no sítio não fazia mais sentido sem o vínculo empregatício. Devido a esses acontecimentos, Maria Fênix abandonou a escola, posto que ela precisou mudar de moradia e ajudar sua família, tanto no plano emocional quanto no financeiro, por ser a filha mais velha.

Com a perda do meu pai, quando o meu pai faleceu, a nossa vida mudou bastante, porque a moça queria o sítio, porque não tinha mais quem trabalhasse. Então, a gente teve que sair do sítio e fomos morar no Lagoinha, na casa da minha avó, e eu tive que trabalhar na casa de família pra ter a minha roupa, meu calçado, minhas coisas.

Analisando tais acontecimentos, compreende-se que a sua decisão de abandonar os estudos adveio da desestruturação familiar ocorrida com a morte de seu pai. Tal desestruturação reforça a imagem da figura masculina como aquele que mantém o sustento e preserva a família de problemas sociais externos.

Diante de tal situação, sem ter para onde ir, a mãe de Maria Fênix decidiu entregar as filhas para outras pessoas cuidarem. Suas duas irmãs mais novas foram doadas para uma família desconhecida. Sua irmã Roberta foi morar com a família do cunhado de sua mãe. Diana e Maria Fênix, as filhas mais velhas, foram, juntamente com sua mãe, hospedar-se na casa de sua avó adotiva, em uma casa no município de Nova Iguaçu. Até hoje Maria Fênix não tem contato com suas irmãs e sente falta desse vínculo familiar, guardando apenas recordações da época em que eram mais novas e uma mágoa em relação a sua mãe, devido ao sofrimento que passou na época em que suas irmãs foram doadas.

Depois de um ano morando com sua avó e trabalhando em casa de família, Maria Fênix conheceu o homem que hoje é seu marido. Oriundo do Espírito Santo, onde morava com seus pais, mudou-se para o Rio de Janeiro, em busca de trabalho, indo morar na casa de uma irmã. Segundo Maria, seu companheiro, na época, trabalhava como repositor em um supermercado, arrumando e descarregando mercadorias, permanecendo nesse serviço por 15 anos.

Após um certo tempo, essa jovem engravidou. Entretanto, o filho deles nasceu com necessidades especiais, devido a uma doença de origem genética:

Eu engravidei do meu filho; ele nasceu especial e com uma doença rara, e, então, não pude mais pensar em estudar; a minha vida era dedicada a ele.

Esses acontecimentos contribuíram para que Maria Fênix postergasse, mais uma vez, o retorno à vida escolar, pois seu filho necessitava de cuidados especiais e de atenção redobrada. Com o passar do tempo, a doença se agravou, apesar de todo o tratamento a que havia sido submetido.

Ao completar oito anos de idade, ele faleceu, devido a complicações decorrentes da doença. Desde o nascimento ela sabia, segundo o prognóstico do médico, que seu filho não viveria muito tempo, por isso buscou aproveitar todos os momentos ao lado dele, abrindo mão de seus projetos de vida.

Após aproximadamente um ano da morte do filho, retornou aos estudos, incentivada por seu companheiro e amigos da igreja evangélica que frequenta. Ela narra que na igreja que frequenta existe uma senhora de idade bem superior à dela que estudou na EJA e, posteriormente, formou-se em técnica de enfermagem. O exemplo dessa senhora a desafia a prosseguir rumo à realização de seus objetivos. Observa-se, portanto, que a realização do projeto dessa senhora que apresenta uma realidade próxima à de Maria Fênix tem servido de modelo para que ela lute por seus projetos:

Tem uma senhora lá da igreja, bem mais velha, que falou que não era pra mim deixar de estudar, porque, hoje em dia, tudo que ela conseguiu foi através do estudo. Essa irmã tem me dado muita força, porque ela também conseguiu fazer o curso de enfermagem.

No caso de Maria Fênix, a igreja a ajudou a perceber o sentido da escola para a sua vida. As relações estabelecidas nesse lugar servem de apoio, motivando-a a permanecer na escola, não permitindo que ela desanime. Na identificação dos fatos que motivaram esse retorno escolar, compreende-se que seu processo de escolarização representa um instrumento de alcance de sua realização pessoal e de transformação social, numa busca de conhecimento que a possibilite a satisfazer seus ideais e a melhoria de vida das pessoas que estão ao seu redor. Pertencer à igreja representa forte relação com a aspiração a novos conhecimentos por meio da instituição escolar.

ANÁLISE DOS PERCURSOS BIOGRÁFICOS DOS JOVENS DA EJA

A partir da análise dos percursos biográficos narrados pelos jovens entrevistados, foi possível compreender que, muito embora cada relato seja singular, composto por distintas vivências e experiências percorridas pelos jovens, existem fatos em comum que marcam e diferenciam uma das outras. Apesar de esses jovens apresentarem distintos momentos de chegada à EJA, o fato de estarem inseridos na mesma modalidade de ensino simboliza que eles compartilham a mesma realidade social.

Ao analisar os motivos do abandono escolar, percebi a existência de múltiplos fatores que dificultaram a permanência na escola que estão além da questão de inserção no mercado de trabalho. Cabe destacar as seguintes situações específicas identificadas nas entrevistas: anorexia, problema de visão e falecimento do pai. Com a identificação desses fatores, tornou-se evidente que muitos deles estavam relacionados a aspectos subjetivos ocorridos em momentos específicos no percurso biográfico dos jovens, como também a obstáculos socialmente construídos que dificultaram a continuidade dos estudos.

As experiências de escolarização antes do efetivo abandono escolar revelam momentos constituídos por condições favoráveis e desfavoráveis para alcance de uma trajetória escolar bem-sucedida. Essa constatação conduziu ao entendimento de que suas experiências escolares se apresentaram como positivas, apontando que a causa do abandono não se relaciona com as dificuldades encontradas na escola, nem à necessidade imediata de trabalhar – como normalmente apresentado em muitos estudos – mas a fatos ocorridos em determinados momentos de seus percursos biográficos.

Analicamente, o retorno a EJA está inteiramente relacionado aos sentidos que os jovens atribuem ao seu processo de escolarização. Esses jovens vivenciam a situação presente na EJA como a possibilidade de prosseguir os estudos, a fim de alcançarem realização pessoal, profissional, mudança na situação ocupacional e ingressar no ensino superior.

Isso se evidencia quando narram que os motivos que os levam a permanecer na EJA se relacionam às suas projeções futuras. Esses projetos relacionam-se às experiências vivenciadas em seus contextos não escolares que lhes possibilitaram conhecer e ter maior contato com tais áreas de formação. Esses contextos têm se configurado como elementos significativos para compreensão das atitudes, desejos e anseios dos jovens, pois as suas decisões não são resultados de campo de livre escolha, mas de um “complexo jogo de interações entre as escolhas individuais, as relações intersubjetivas e coerções que nos impõem as estruturas sociais” (CARRANO, 2007, p. 62).

A maneira como os jovens concebem o retorno à escola expressa a crença de que este seja o caminho para conseguir mobilidade social. Seus projetos aparecem vinculados à possibilidade de obter melhores condições de vida a partir de seus esforços individuais, reproduzindo o imaginário de que a escola favorece uma vida mais digna perante a sociedade. As experiências vividas em outros momentos em sua trajetória escolar possibilitaram compreender a importância da escola como meio de dominar os códigos e a linguagem para melhor se situarem no contexto social em que vivem.

Observa-se em suas narrativas que a EJA é vista como meio de reconstruir suas vidas frente às situações que ocasionaram a interrupção escolar. Um espaço para ampliar suas potencialidades, para se sentirem reconhecidos e acolhidos pelos laços de sociabilidade ali estabelecidos. Entretanto, apesar de os jovens contemplarem a EJA como um lugar de recomeço, foi possível constatar que alguns deles reconhecem a existência de múltiplos fatores ao longo dessa trajetória escolar que acabam motivando e dificultando a permanência nessa modalidade de ensino.

É nesse confronto pela melhoria de sua formação para realização de seus projetos que alguns desses jovens visualizam como entraves a má qualidade do ensino. Em meio a esses obstáculos, alguns deles elaboram estratégias próprias que lhes possibilitam melhorar a formação escolar, como cursos preparatórios e pré-vestibulares, a fim de superar os déficits escolares dessa modalidade de ensino.

Da análise das narrativas sobre o contexto não escolar tornou-se possível averiguar condições que contribuíram tanto para o retorno quanto para a permanência na EJA. Foram constatados como espaços motivadores: a família (pais, marido, filhos); as relações de amizade; o envolvimento com igrejas. Em suas narrativas, as relações familiares aparecem como um espaço significativo de transmissão de valores, vínculos afetivos e de segurança, que lhes fornecem suporte para enfrentar questões pessoais e sociais.

A instituição religiosa se apresentou como um espaço de suma importância para uma jovem, como um local em que constroem fortes redes de relacionamento e procuram, por meio da divindade espiritual, encontrar forças para enfrentar as suas limitações quanto às condições objetivas da vida.

Tal processo analítico revelou distintos percursos biográficos vividos pelos jovens, envolvendo situações subjetivas e coerções impostas pelas estruturas sociais, que me possibilitaram compreender os motivos e os contextos de abandono/retorno à escola. Por meio de suas experiências de escolarização, tornou-se possível identificar aspirações, escolhas e os projetos elaborados por eles que revelaram múltiplos sentidos para o retorno à escola.

Os sentidos que os jovens atribuem à EJA, possibilitou perceber que suas experiências concretas definem o valor que esse processo de escolarização tem em suas vidas, não representando, por si só, garantia de sobrevivência e gratificação imediata, muito embora essas questões sejam bastante significativas. As narrativas indicam a EJA como um campo de aproximações de projetos, sonhos e expectativas frente ao futuro.

A escola é desafiada a garantir aos jovens da EJA uma oferta de oportunidades educacionais adequadas às suas realidades, necessidades e expectativas. Ela também é chamada a reconhecer a importância da criação de espaços que valorizem as experiências e os saberes que transcendem os muros da escola. Estas são pistas para a construção de um lugar de diálogo e sociabilidade na esfera educacional escolar.

Conhecer a realidade social dos jovens é uma alternativa para que se construa não somente um processo de aprendizagem mais significativa, como também para apreender os sentidos de sua presença na escola:

Não basta oferecer escola; é necessário criar as condições de frequência, utilizando uma política de discriminação positiva, sob risco de, mais uma vez, culpar os próprios alunos pelos seus fracassos (HADDAD, 1998, p. 116).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo dos percursos biográficos dos jovens da EJA foi fundamental para revelar a singularidade desses sujeitos. A pesquisa permitiu conhecer múltiplos modos de viver e de ressignificar os sentidos de sua presença nessa modalidade de ensino. Pretendeu-se com esta pesquisa biográfica compreender a pluralidade de situações e as trajetórias de escolarização vivenciadas por cada jovem, tomando o cuidado de não distorcer a realidade em que eles estão inseridos. A hipótese inicial da pesquisa fundamentava-se na existência de outros motivos e contextos de abandono e retorno à escola que não são dados apenas por razões econômicas objetivas ou de necessidade de inserção no mercado de trabalho.

Os resultados obtidos na pesquisa demonstraram que as experiências na trajetória de escolarização dos jovens confirmam a hipótese de partida. Os dados qualitativos recolhidos nas entrevistas com os jovens demonstraram que as experiências vividas os levaram a percorrer distintas trajetórias escolares. Foi possível averiguar que as razões do abandono e do retorno escolar não se reduziram às dificuldades escolares, aos fatores econômicos ou ao imperativo do mundo do trabalho.

As experiências ocorridas nesse movimento pendular (saída e entrada na escola) na trajetória dos jovens os conduziram, após o abandono escolar, à redefinição de novos sentidos atribuídos aos seus processos de escolarização. É por meio dessas experiências que se pode visualizar as verdadeiras aspirações, desejos, escolhas e projetos que os levam não apenas a retornar à escola, como a nela permanecerem, em meio aos aspectos que dificultam a sua trajetória escolar na EJA.

A clareza dessa situação se tornou possível quando os relatos recolhidos apontaram que essa modalidade pode ser identificada como um lugar de aproximação de seus projetos de vida, como uma possibilidade de continuarem estudando, apesar de o tempo que ficaram distantes da escola.

Apesar de a presença dos jovens na EJA se constituir em um direito subjetivo, ancorado pela garantia de uma formação escolar básica, pública e de qualidade, ainda é recorrente nas narrativas

dos jovens que as próprias ações do sistema educacional (inadequação dos currículos, dos métodos, dos conteúdos, ausência de professores) impõem uma série de barreiras para que essa permanência se efetive. Nesse sentido, as estratégias de escolarização dos jovens aparecem como resultado de seus esforços e mobilização individual, no qual eles precisam criar alternativas que venham a suprir suas necessidades escolares.

Entretanto, diante dos obstáculos encontrados para se obter uma educação de qualidade, os jovens continuam a defender a escola como possibilidade de alcançarem mobilidade social, justificando em suas ações as razões de seus fracassos escolares. Para os jovens, o fato de conseguirem retornar à escola, em meio às adversidades enfrentadas e aos inúmeros fatores dificultadores em sua trajetória escolar, já consiste em uma oportunidade concreta de prosseguirem os estudos, a fim de superarem as desvantagens sociais.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. (Ed.). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Trad. Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. (Obras escolhidas; v. I).
- BERTAUX, Daniel. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. São Paulo: Paulus; Natal: Ed. UFRN, 2010.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. Educação de jovens e adultos e juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. *Revista de Educação de Jovens e Adultos*, Belo Horizonte, v. 1, n. 0, p. 55-67, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.reveja.com.br>>. Acesso em: 13 jan. 2011.
- LARROSA, Jorge Bondía. *Linguagem e educação depois de Babel*. Trad.: Cyntia Farina, Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PAIS, José Machado. *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Porto: Âmbar, 2001.
- MARTUCCELLI, Danilo. Lo intercultural ante la proeba de la dinámica entre exclusión e integración social. *Revista CIDOB d'afers Internacionais*, n. 66, p. 53-68, 2004.
- SPÓSITO, Marília Pontes. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir. *Sociologia da Educação; pesquisa e realidade*. Petrópolis: Editora vozes, 2007, p. 19.
- TAKEUTI, Norma Missae; NIEWIADOMSKI, Christophe. *Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

RESUMO

Com esta pesquisa, objetivei apreender os motivos e os contextos de abandono da escola e o retorno à escolarização de jovens do ensino fundamental, na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA), no município de Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro (RJ). Como metodologia de trabalho de campo, adotei a abordagem biográfica empregada em forma de relato. Os dados me proporcionaram apreender experiências de vida e interpretar biografias naquilo que se refere à trajetória escolar. Foram entrevistados oito jovens, com idades entre 15 e 29 anos, que se encontravam matriculados na modalidade EJA. O processo analítico revelou múltiplos percursos e significados que os jovens da EJA atribuíram ao seu retorno à instituição escolar e às suas inter-relações com outras esferas não escolares.

Palavras-chave: Jovens. Percursos biográficos. EJA.

ABSTRACT

Through this research, I meant to apprehend the motives and contexts of the drop-out and the return to school of young students from Elementary School "Adult Education" (which stands for EJA in some public schools from Brazil), in Nova Iguaçu. As the field work methodology, I adopted a biographical approach in the form of reports. The results provided me the apprehension of life experiences and the interpretation of biographies when it comes to scholastic trajectory. About eight young students were surveyed among ages of 15 and 29, enrolled in EJA schools. The analytical process revealed multiple trajectories and meanings that the young students from EJA attributed to their return to the scholar unit and to their inter-relations with other non-scholastic spheres.

Keywords: Young. Biographical trajectories. EJA.

Submetido em: 05 jun. 2011

Aceito em 06 abr. 2014